



Possible Love

Ella Knorz/If Productions - Alamode Film



Yellow Letters

Divulgação



Uly, a Gigante das Quadras

Divulgação



Coward

SUBMISSÕES AO OSCAR 2027 — MELHOR FILME INTERNACIONAL

Alemanha — Everytime, de Sandra Wollner
Áustria — Rose, de Markus Schleiner
Bélgica — Coward, de Lukas Dhont
Camboja — Becoming Human, de Polen Ly
Canadá — Nina Roza, de Geneviève Dulude-de Celles
Chile - O Degelo, de Manuela Martelli
Colômbia — Rains Over Babel, de Gala del Sol
Coreia do Sul — Possible Love, de Lee Chang-dong
Eslováquia — Flood, de Martin Gonda
Japão — All of a Sudden, de Ryusuke Hamaguchi
Kosovo — Dua, de Blerta Basholli
Letônia — Uly, de Viesturs Kairișš
Lituânia — How to Divorce During the War, de An-

drius Blazelevicius
México — On the Road, de David Pablos
República Dominicana — Melodrama, de Andrés Farías
República Tcheca — If Pigeons Turned to Gold, de Pepa Lubojacki
Suíça — Who Is Still Alive, de Nicolas Wadimoff
Taiwan — A Foggy Tale, de Chen Yu-hsun
Tailândia — 9 Temples to Heaven, de Sompot Chidgasornpongse
Turquia — Like a Limbless Tree, de Tunç Davut

FILMES QUALIFICADOS POR FESTIVAIS

Berlinalle — Yellow Letters, de Ilker Çatak
Cannes — Fjord, de Cristian Mungiu
Sundance — Shame and Money, de Visar Morina

mã, “Yellow Letters”, de Ilker Çatak; e a aclamada Palma de Ouro deste último Cannes, revelado em maio, “Fjord”, do romeno Cristian Mungiu.

O Brasil viveu uma polêmica braba em 2025 para anunciar seu escolhido, num quiproquó entre “Manas” e “O Agente Secreto” (que acabou selecionado e concorreu a quatro láureas). Este ano, a decisão da Academia Brasileira de Cinema será conhecida no dia 16 de setembro. Há 15 produções

brigando pelo posto. Elas foram anunciadas na última segunda. Lá estão (em ordem alfabética) “100 Dias”, de Carlos Saldanha; “A Conspiração Condor”, de André Sturm; “A Fabulosa Máquina do Tempo”, de Eliza Capai; “A Natureza das Coisas Invisíveis”, de Rafaela Camelo; “Ato Noturno”, de Marcio Reolon e Filipe Matzembacher; “Cinco Tipos de Medo”, de Bruno Bini; “Dolores”, de Maria Clara Escobar e Marcello Gomes; “Feito Pipa”, de Allan

Deberton; “Herança de Narcisa”, de Clarissa Appelt e Daniel Dias; “Nosso Segredo”, de Grace Passô; “O Rei da Internet”, de Fabrício Bittar; “Quando Vira a Esquina”, de Chris Alcazar; “Malês”, de Antonio Pitanga; “Papagaios”, de Douglas Soares; e “Vicentina Pede Desculpas”, de Gabriel Martins. Numa primeira peneira, marcada para 9 de setembro, essa seleção será reduzida a seis e, na semana seguinte, a um.

Como de praxe, a Academia de Hollywood vai anunciar uma lista de 15 finalistas no fim do ano (dia 15 de dezembro), antes da definição dos cinco indicados, que sai em 21 de janeiro de 2027. Entre os longas que já se apresentaram para serviço, “Coward”, da Bélgica, chega com força, apoiada no prestígio de seu realizador Lukas Dhont, diretor de “Girl” (2018) e “Close” (2022). Exibido em competição em Cannes, o filme acompanha a paixão entre dois soldados durante a Primeira Guerra Mundial e deu a Emmanuel Macchia e Valentin Campagne o prêmio de Melhor Ator no festival francês.

Igualmente forte está o representante da Coreia do Sul, “Possible Love”, novo trabalho do artesão autoral Lee Chang-dong, diretor premiado na Croisette com “Poesia” (2010) e “Burning” (2018). O enredo de seu novo trabalho trata da história de dois casais: de um lado, está um trabalhador recém-demitido e sua esposa; do outro, há uma documentarista e seu marido. Os caminhos deles se cruzam para a realização de um documentário, enquanto enfrentam suas diferentes realidades e desejos ocultos.

Também chamam atenção “Uly”, de Viesturs Kairișš, representante da Letônia, sobre a estrela do basquete Uljana Semjonova; e “How to Divorce During the War”, de Andrius Blaževicius, representante da Lituânia e vencedor da direção no World Cinema Dramatic Competition de Sundance. A América Latina se faz notar com o thriller queer mexicano “Em El Camino”, de David Pablos, e com o romantismo dominicano de “Melodrama”, de Andrés Fariás.

A Noruega venceu “O Agente Secreto” na briga pelo Oscar este ano, com “Valor Sentimental”, de Joachim Trier, mas ainda não pôs seu candidato da vez sob os holofotes. Pesa sobre ela o fato de que o supracitado “Fjord”, de Mungiu, se passa em solo norueguês, retratando o que existe de xenófobo por trás do politicamente correto e dos discursos assistenciais depois que um pai romeno, radicado na Escandinávia, é acusado injustamente de maltratar filhas e filho. O papel é de Sebastian Stan, o Soldado Invernal da Marvel, que disparou nas listas de aposta para potenciais concorrentes ao Oscar de Melhor Ator por esse papel.